

LITERATURA EM ESCOLAS PÚBLICAS: REFLEXÕES A PARTIR DA ESCUTA DE PROFESSORES

LITERATURE IN PUBLIC SCHOOLS: REFLECTIONS FROM LISTENING TO TEACHERS

Flávia Brocchetto Ramos¹

Gabrielle Dall' Agno²

Andreia Morés³

RESUMO

Este artigo analisa resultados de investigação sobre a mediação da leitura literária relacionada a obras selecionadas pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), a fim de compreender como a escola atua nesse Programa de leitura. O estudo focaliza dois grupos de profissionais que atuam em escolas públicas (municipais e estaduais) nos municípios de Caxias do Sul e Terra de Areia-RS, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, em especial, os que exercem a docência em turmas de primeiro ao terceiro ano. Para a construção de dados, foram realizados questionários com questões objetivas e dissertativas pautadas nos princípios qualitativos de BAUER & GASKELL (2002) e BISOL (2012). Os dados analisados sinalizam para a importância da literatura durante a formação dos profissionais, bem como o incentivo de programas de governo que fortalecem as práticas docentes, incentivando a formação de leitores.

Palavras-chave: PNBE; mediação; formação docente.

ABSTRACT

This article analyzes research results on the literary reading mediation related to works selected by the National School Library Program (PNBE), in order to understand how the school acts in this reading Program. The study focuses on two groups of professionals who work in public schools (municipal and state) in the municipalities of Caxias do Sul and Terra de Areia-RS, in the early years of Elementary School, especially those who teach in classes from first to third year. For the construction of data, a questionnaire with objective and essay questions was conducted based on the qualitative principles of BAUER & GASKELL (2002) and BISOL (2012). The data analyzed indicate the importance of literature during the training of professionals, as well as the encouragement of government programs that strengthen teaching practices, promoting the formation of readers.

Key words: PNBE; mediation; teacher training

¹ Professora Adjunta I da Universidade de Caxias do Sul (UCS), atuante nos Programas de Pós-Graduação em Educação (Curso de Mestrado e Doutorado) e no Programa de Pós-Graduação em Letras (Doutorado Letras). Pesquisadora Pq 2, CNPq. *E-mail:* ramos.fb@gmail.com

² Professora Especialista da rede pública dos municípios de Caxias do Sul e Farroupilha – RS.

³ Professora Adjunta II atuando na Área do Conhecimento de Humanidades da Universidade de Caxias do Sul (UCS); atuante junto aos Programas de Pós-Graduação em Educação (Mestrado e Doutorado) e no Programa de Pós-Graduação em Direito (Mestrado).



INTRODUÇÃO

[...] será que não deve haver nenhum conhecimento na arte? Não há na experiência da arte, uma reivindicação à verdade, que sendo certamente diversa da ciência, certamente não lhe será inferior? E será que não reside a tarefa da estética, justamente em fundamentar que a experiência da arte é uma forma de conhecimento dos sentidos, que transmite à ciência os últimos dados, a partir dos quais põe-se a construir o conhecimento da natureza, certamente também diferente de todo conhecimento estético da razão e, aliás, de todo o conhecimento conceitual, mas que é, contudo, conhecimento, ou seja, transmissão da verdade?. (GADAMER, 1997, p. 169).

Entendemos que a arte é uma forma de conhecimento específica e como tal deve estar presente no currículo escolar. Focaliza incertezas presentes na constituição do ser humano e que outras áreas não conseguem contemplar. Com a bandeira de arte, da literatura na formação humana, optamos por pensar a literatura em escolas públicas. Assim, o presente artigo focaliza como professores que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental interagem com obras literárias no cotidiano escolar. O estudo parte de reflexão sobre formação de professores (mais especificamente, professores que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental) e, na sequência, discute aspectos relativos ao modo como os docentes contemplam as obras literárias nas suas práticas pedagógicas. O percurso metodológico foi construído a partir de BAUER & GASKELL (2002) e BISOL (2012) e valeu-se de questionários semiestruturados como instrumento para construção de dados.

De acordo com essa escolha, atentamos para o tema da pesquisa (especificação do tópico guia) e a quem foram feitas estas perguntas (seleção dos interlocutores). Por conseguinte, o artigo apresenta usos de obras integrantes de uma política pública do Governo Federal – Programa Nacional Biblioteca da Escola/PNBE (vigente de 2007 a 2014, agora denominada PNLD literário). Ou seja, como obras literárias disponíveis em escolas públicas são tratadas por docentes em turmas de primeiro a terceiro ano do Ensino Fundamental, a fim de refletir sobre as práticas educativas com literatura vigentes em sala de aula, na escola pública.

Formação de professores: contribuições do PNBE e do PNAIC

Ao adentrar no tema formação de professores, pontuamos as contribuições da Resolução, nº 2, de 1º de julho de 2015, que ressalva que a formação tem, em sua finalidade, a reflexão sobre a prática e a busca de aperfeiçoamento. Oportunizar ao professor momentos de estudo, de pesquisa, de reflexão, de diálogo, de leitura e de aprendizagem que acolham e incentivem o docente na sua ação profissional, pessoal e social é a meta da formação em serviço. Nesse sentido, Nóvoa (1992, p.16) argumenta que tais ações formativas promoveriam “[...] preparação de professores reflexivos, que assumem a responsabilidade do seu próprio desenvolvimento profissional e que participem como protagonistas na implementação das



políticas educativas”. Essa visão vai além de formação vinculada à visão técnica de transmissão de conhecimentos, pois defende a reflexão acerca dos processos de formação e de preparação docente, visando ao desenvolvimento pessoal e profissional, articulado com políticas educacionais.

Neste viés, compreendemos que a formação de professores contribui para o desenvolvimento e fortalecimento da construção de práticas educativas que atendam às demandas da sociedade contemporânea, em especial, neste estudo, a formação de leitores, ampliando a cultura letrada. Embasamo-nos em Freire, que assegura: “[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. (FREIRE, 2015, p. 40).

A formação deve ser permanente, problematizadora e libertadora, permeada pela reflexão crítica sobre a prática, acolhendo a leitura de mundo, tornando os sujeitos críticos e reflexivos. Este deve ser um compromisso assumido no lócus da formação docente, fortalecido junto aos espaços universitários, escolares, nos programas de formação de professores e no acompanhamento e avaliação das políticas educacionais.

Ao mencionarmos as políticas públicas nacionais de incentivo à leitura e de formação de professores, citamos dois programas: Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), e o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC).

O primeiro, o PNBE, vinculado à política pública de incentivo à leitura e à difusão do livro, foi criado em 1997 e extinto em 2017. Teve como objetivo promover “o acesso à cultura e o incentivo à leitura dos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência.” (BRASIL, 1997, s/n). Pelo PNBE, foram distribuídas, entre outras, obras de literatura às escolas públicas brasileiras. Os títulos integrantes do Programa permitem aos estudantes e aos professores ampliar sua visão de leitura, da leitura literária, propiciando ainda o aperfeiçoamento de práticas educativas desenvolvidas na escola.

O segundo Programa, o PNAIC, contempla a formação continuada de professores, e foi criado em 2012 pelo Governo Federal, tendo como um dos objetivos a formação continuada de professores que exercem a docência nos anos iniciais do Ensino Fundamental, com destaque para o ciclo da alfabetização (1º ao 3º. ano do Ensino Fundamental). De acordo com o caderno de apresentação do PNAIC (2012), o Pacto “[...] é constituído por um conjunto integrado de ações, materiais e referências curriculares e pedagógicas a serem disponibilizados pelo MEC, tendo como eixo principal a formação continuada de professores alfabetizadores.” (BRASIL, 2012, p. 5). Nesse sentido, este Programa tem como meta a



formação continuada de professores, especialmente dos alfabetizadores, acrescido de ações e de materiais didáticos que contribuem para qualificar as práticas exercidas nos anos iniciais do Ensino Fundamental. O Programa destaca que a formação continuada de professores tem o compromisso de “[...] fortalecer na escola a constituição de espaços e ambientes educativos que possibilitem a aprendizagem, reafirmando a escola como espaço do conhecimento, do convívio e da sensibilidade, condições imprescindíveis para a construção da cidadania.” (BRASIL, 2012, p. 13).

Nesse processo de incentivo à formação do leitor, destacamos a importância de o professor organizar situações para que o aluno interaja com a leitura desde a infância, pois a educação literária é aspecto fundamental da formação humana. A literatura representa ações humanas e, quando o leitor se depara com essas ações, pode nutrir-se com elementos que contribuam para se entender como humano. Pelo acesso ao texto literário, podemos compreender conflitos vividos, experimentar situações não viáveis na vida concreta. Afinal, a literatura pode alargar nosso viver e uma das formas de acessá-la é por meio da leitura. Ao tratar de leitura, evocamos Freire: "a leitura do mundo precede a leitura da palavra" (1981, p. 9). Assim, o ato de ler não se esgota na decodificação da palavra, mas proporciona ao leitor a capacidade de ler o mundo, refletir sobre ele e, conseqüentemente, ter a capacidade de intervir.

Em seus estudos, Freire (1989, p. 13) cita: “[...] costumávamos desafiar os alfabetizandos com um conjunto de situações codificadas de cuja decodificação ou ‘leitura’ resultava a percepção crítica do que é leitura, pela compreensão da prática ou do trabalho humano, transformador do mundo.”. Nesse exemplo, percebemos a relevância da leitura de mundo, da leitura contextualizada e crítica, que vai além da decodificação ou leitura da palavra, contribuindo para que o leitor seja capaz de construir seu pensamento próprio.

Assim, destacamos a relevância de políticas que fortaleçam a formação de professores e incentivem práticas de leitura e de literatura em espaços formativos, tanto na formação inicial ofertada pelo Ensino Superior quanto na continuada que atende aos docentes que atuam na Educação Básica.

Construção do *corpus* da pesquisa – seleção dos entrevistados, elaboração e aplicação dos questionários

Quem são os professores que atuam nas escolas públicas? Qual é sua formação? Que formação precisariam ter? Com base nessas questões, definimos o *corpus* a ser investigado. Tomamos como referência para amostragem professores do ciclo alfabetizador de seis escolas públicas (municipais e estaduais) de dois municípios do Rio Grande do Sul, Caxias do Sul e



de Terra de Areia. Para o estudo, foram computados vinte e cinco questionários semiestruturados, contemplando perguntas de múltipla escolha, bem como dissertativas, a fim discutir a formação/atuação docente em relação à leitura literária.

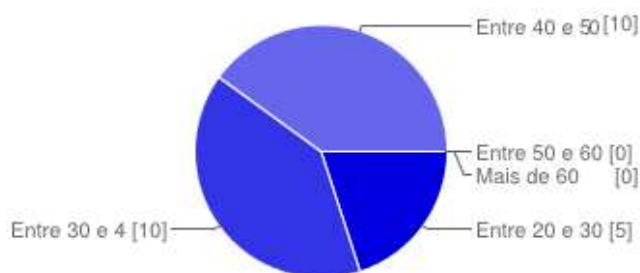
O questionário foi dividido em duas partes, a primeira compreende a caracterização do perfil dos profissionais atuantes nas escolas e, a segunda, o modo como é visto e tratado o PNBE, bem como são utilizadas as obras pertencentes ao Programa. Cabe ainda destacar que a pesquisa qualitativa não almeja enumerar ideias, mas explorar diferentes opiniões e representações acerca do assunto para a compreensão das práticas educativas vigentes.

Análise dos questionários– perfil dos profissionais

A leitura literária pressupõe a valorização de uma modalidade de leitura como domínio específico que a diferencia dos outros tipos de apreensão de textos escritos (RAMOS, 2010). Já a mediação de leitura aponta para a ação de um professor (interlocutor) convocando-o à introdução de seus alunos ao conhecimento e à apropriação do universo ficcional, proporcionado por textos de natureza artística. Desse modo, apresentamos o perfil dos professores, a fim de caracterizá-los, configurando-se assim a primeira parte dos questionários aplicados (conforme já mencionado).

A maioria dos docentes tem idade entre 30 e 50 anos como observamos pelos dados: a) cinco sujeitos com idade entre 20 e 30 anos (20%); b) dez sujeitos de 30 a 40 anos (40%); c) dez sujeitos entre 40 e 50 anos, correspondendo aos 40 % restantes, conforme gráfico 1:

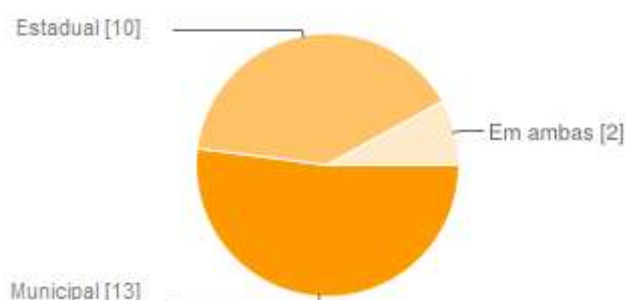
Gráfico 1: Idade dos profissionais



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Em relação ao vínculo profissional, treze professores atuavam na rede pública municipal (52%), dez na rede estadual (40%) e apenas duas em ambas as redes públicas (8%). Cabe destacar que cada rede tem sua dinâmica própria de formação em serviço aos professores.

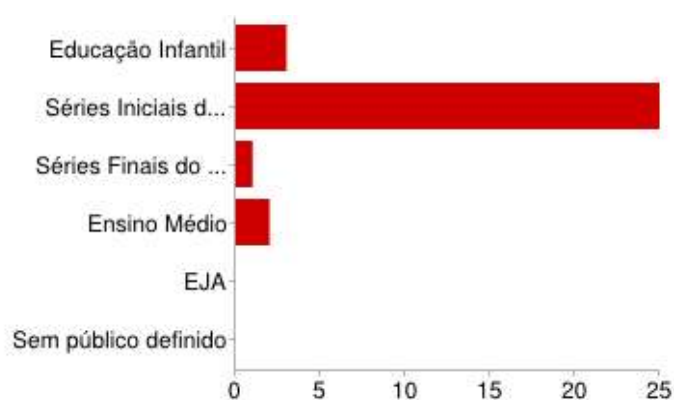
Gráfico 2: Instituição de ensino – Onde atua?



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Todos os interlocutores são docentes do primeiro ciclo do Ensino Fundamental (do primeiro ao terceiro ano) em pelo menos um turno. Todavia, foi constatado que 24% atuam com outros níveis de ensino, destes: a) um atua com anos finais do Ensino Fundamental (4%); b) dois atuam com Ensino Médio (8%); c) três com Educação Infantil (12%), como mostra o gráfico 3. A atuação em outros níveis de ensino possibilita ao docente ter outros parâmetros acerca do papel de cada etapa da Educação Básica na formação do estudante, o que pode ser um dado favorável que contribuiria para sua prática. Contudo, revela também que o professor precisa atender outra demanda de ensino e gerando divisão entre sobre o seu fazer docente.

Gráfico 3: Público com que atua?



Fonte: Elaborado pelas autoras.

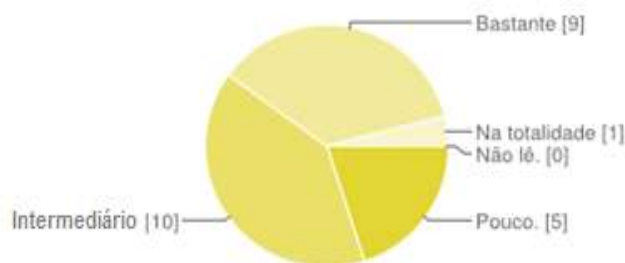
Após apresentar o perfil dos docentes, privilegiamos a formação leitora de cada interlocutor. Entendemos que os professores se configuram como importantes referências de leitura para seus alunos, isto é, à medida que o professor lê para si e para seus alunos está incentivando ao hábito de leitura e favorecendo a criação de um ambiente rico em aprendizagens e descobertas.

As contribuições de Freire (2015, p. 35) vêm ao encontro dessa visão, afirmando que “ensinar exige a corporificação das palavras pelo exemplo”. Na defesa de vivenciar a corporificação da palavra pelo exemplo, é fundamental que a formação de professores prime pelo exemplo, pela vivência e pelo fortalecimento da leitura, formando professores leitores



que tenham potencial para desenvolver em suas práticas o gosto e encanto pela leitura. Deste modo, inicialmente, foi proposto que o profissional mensurasse em uma escala o quanto se considera leitor. Assim, obtivemos o seguinte gráfico:

Gráfico 4: Quanto você se considera um (a) leitor (a)?



Fonte: Elaborado pelas autoras.

A partir do gráfico 4, observamos que: a) cinco afirmam que leem pouco (20%); b) dez classificam-se em intermediário (40%); c) nove declaram que leem bastante (36%); d) apenas um informa que na totalidade (4%). Os dados evidenciam a necessidade de refletir sobre os processos inerentes ao ato de ler, uma vez que não corresponde a metade o número de profissionais que consideram que leem bastante ou na totalidade, sendo representativo o número daqueles que leem pouco.

Na sequência, foi solicitado que relatassem, em breve escrita, a história pessoal de leitura ou de não leitura, focalizando a leitura na sua infância, juventude e vida adulta ou na escola e fora da escola, informando se lembravam de alguém que lia para o entrevistado (quem, quando e por quê?). Com base na provocação, dois profissionais afirmaram que não eram leitores na infância, mas que se tornaram no decorrer da vida, ou seja, por incentivo da escola como mostra A3 “[...] Da 1ª até a 5ª série só foi me oferecido um livro, na 5ª série, o qual nunca me esqueci – *A bonequinha preta* (não lembro o autor). A partir da 6ª série, fui morar num convento. Nos momentos de folga, ia para a biblioteca e realizava leituras”; ou ainda pela escolha profissional “Quando comecei atuar como professora, nas escolas havia livros e eu comecei a comprar para o acervo da escola coleções diferentes de vendedores” (C1).

Destacamos a importância de a leitura estar presente ao longo da vida, desde a infância, contribuindo para a formação do hábito de ler, aproximando a criança do livro para desenvolver essa competência. Lajolo orienta (1997, p. 108): “Um professor precisa gostar de ler, precisa ler muito, precisa envolver-se com o que lê.” A leitura nos dignifica, nos ensina, ecoa na nossa formação cidadã, humana e crítica, oportunizando a compreensão de situações que objetivamente não entendemos. Estando a leitura presente na vida, na formação e no



contexto da prática docente, incentiva também a formação de crianças leitoras, que descobrem o encanto, a fantasia, o imaginário pela leitura.

Os demais professores, vinte e três profissionais, explicitaram que a leitura sempre se fez presente em suas vidas desde a infância, como pode ser observado no trecho a seguir: “Sempre gostei de ler desde pequena. Era "vidrada" em livros.” (amostra F1). Ainda, cinco mostram apreço pelos gibis na infância. Quando se reportaram à vida adulta, mencionaram os clássicos, livros de ficção, aventura e romance, bem como obras referentes às práticas pedagógicas.

Outro aspecto relevante foi à constatação de que dez professores referiram à escola como local de incentivo à leitura, como citado por B1: “A leitura inicia muitas vezes na escola, adorava quando a profª lia, contava histórias. Neste momento a imaginação voa e como se a gente se transportasse para o mundo da história que está sendo contada”, e A4 afirma: “Na infância, os livros me chamavam muita atenção, gostava de ler por prazer. Na juventude, a maioria dos livros eram solicitados na escola para trabalhos”. As afirmativas eram justificadas pela existência da biblioteca ou pelos trabalhos demandados pela classe, sendo que três mencionam a elaboração de fichas de leitura: “Na escola, li bastantes livros, muitas obras eram para a realização de trabalhos (fichas de leitura)” (B4). A mesma interlocutora explicita uma divergência acerca do modo como a escola promove ou não a leitura literária. Na infância, a criança busca o livro como uma ação lúdica, no entanto à medida que vai crescendo, a leitura vai desaparecendo com ações lúdicas e passa a acontecer associada à obrigatoriedade.

A partir de suas trajetórias de vida, os professores destacam as contribuições e o incentivo da leitura desde os primeiros anos escolares, trazendo experiências construídas no cotidiano da escola, indo ao encontro de Lajolo (1997, p. 7): “ninguém nasce sabendo ler: aprende-se à medida que se vive.”. Assim, os professores foram cativados para o mundo da leitura, que iniciou desde sua infância, sendo aprimorado com as experiências vividas na escola, com destaque para as experiências lúdicas, do prazer pela leitura. No decorrer dos anos escolares, há o registro de que a leitura se torna obrigatória, vinculada a trabalhos avaliativos e, muitas vezes, o estudante diz perder o encanto pelo texto. Aqui cabe perguntar: o que seria mais adequado? Ler por ler? E aí o estudante leria? A escola organiza sessões orientadas de leitura? Não temos resposta.

Quanto às obras marcantes, foram referidas de acordo com a faixa etária, assim agrupamos as menções, podendo destacar quanto a literatura infantil: *Elefante Basílio* e obras de Monteiro Lobato (A2), *A bonequinha preta* (livro oferecido nas séries iniciais-A3) e *Alice no país das maravilhas* (ganhado pela professora-D2). No que se refere à literatura juvenil,



foram citados: coleção Vagalume (A5), romances populares comercializados em bancas de jornal, como Sabrina e Júlia (D1), *A ilha do tesouro* (D2), *Dom Casmurro* (leitura obrigatória-E1). Já como leituras atuais, os interlocutores discorreram sobre: títulos referentes à Educação e práticas pedagógicas, *best-sellers* românticos de Nora Roberts (A5), obras do PNBE (trabalho em sala de aula- C1), *A divina comédia* (D2) e *Cinquenta tons de cinza* (E1).

Por fim, constatamos que todos os professores teceram sua história de leitura, mesmo aqueles que consideram que leem pouco, fato expressivo, uma vez que os mesmos se configuram como modelo de leitores para seus alunos.

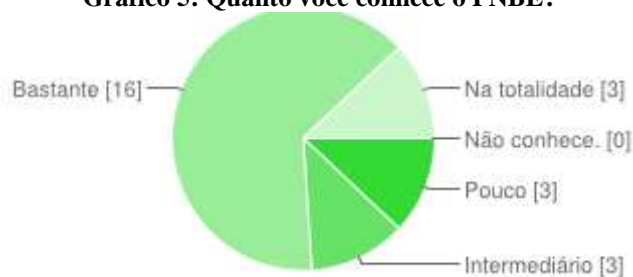
A análise desses dados nos convida a refletir sobre as trajetórias de vida e de formação vivenciadas pelos professores, em que trazem suas experiências e aprendizagens com a leitura. Embasamo-nos em Nóvoa (1992, p. 13) quando afirma que: “Urge por isso (re)encontrar espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais, permitindo aos professores apropriar-se dos seus processos de formação e dar-lhes um sentido no quadro das suas histórias de vida.” Compreendemos, como Nóvoa, que a formação dos professores deve permear e dar sentido em sua trajetória de vida, estando a leitura literária presente nesse processo para que o docente também se sinta motivado a incorporar nas histórias de vida de seus alunos, a presença do texto literário.

Análise dos questionários – leituras e usos do PNBE

Desde seu aparecimento, a escola esteve encarregada da transmissão da tradição literária, acrescentando ainda que o processo de mediação de leitura decorre de uma ação intencional do professor (RAMOS, PANOZZO, 2011). Desta forma, nessa segunda parte do questionário, buscamos averiguar o grau de conhecimento e utilização das obras do PNBE pelos docentes, a fim de analisar práticas de mediação que são efetivadas nas escolas.

Inicialmente, foi proposto que o profissional mensurasse por meio de uma escala o quanto o entrevistado conhece o Programa. Verificamos que: a) três entrevistados mensuraram que conheciam pouco (12%); b) outros três que possuem conhecimento intermediário (12%); c) dezesseis afirmam conhecer bastante (64%); d) apenas três que conhecem na totalidade (12%). Assim, obtivemos o seguinte gráfico:

Gráfico 5: Quanto você conhece o PNBE?



Fonte: Elaborado pelas autoras.

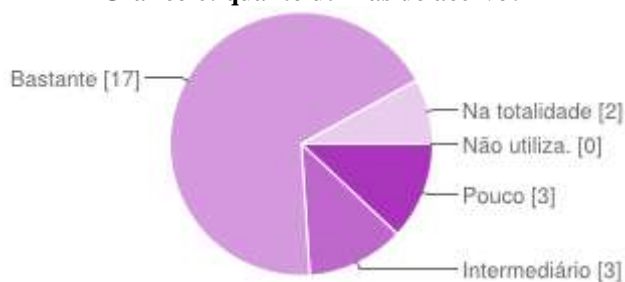
Constatamos que, apesar de o PBNE ser parte de uma política pública criada em 1997 e que o PNAIC se vale de obras selecionadas pelo PNBE, há um número significativo de profissionais, participantes desta amostragem, que tem pouco ou intermediário conhecimento, correspondendo a 24% dos entrevistados. Há 64% interlocutores que afirmam conhecer bastante, dado que reflete um aspecto promissor do Programa. Para alguns professores, mesmo que em sua minoria, esta política permaneceu a margem do cotidiano pedagógico, por terem poucas aproximações com o PNBE. Para tal, frisamos que o objetivo do PNBE visou a contribuir para o acesso à cultura, para o incentivo à leitura, tanto aos alunos como aos professores e oportunizou a distribuição de acervos de obras literárias, de pesquisa e material de apoio aos professores.

Posteriormente, questionamos como os professores conheceram o Programa. Todos afirmaram ser na escola, seja pela biblioteca ou pelo contato direto com as obras. Ainda, foi destacada por um entrevistado a existência do site, por outro os projetos de Educação e dois mencionaram o Programa de formação do PNAIC como um dos cenários de apresentação e discussão de obras literárias integrantes do PNBE.

Ressaltamos a importância da aproximação das políticas educacionais, em destaque para o PNBE e o PNAIC, no cotidiano de formação e atuação dos professores. O PNAIC, destinado especialmente aos professores atuantes no ciclo de alfabetização, apresenta também a oportunidade de interagir com acervos do PNBE, fortalecendo a leitura e a literatura, em especial a literatura infantil. O PNAIC, conforme nossos interlocutores, incentiva a leitura da literatura como processo lúdico, oportunizando momentos de imaginação e dramatização, que permitem ao leitor alçar voos, construir sonhos e, conseqüentemente, construir-se.

Outro aspecto do questionário foi a avaliação dos profissionais de quanto eles utilizam as obras dos acervos, desta maneira obtivemos resultado muito semelhante ao do grau de conhecimento do Programa: a) três utilizam pouco (12%); b) três utilizam em uma escala intermediária (12%); c) dezessete utilizam bastante (68%); d) dois mensuram que utilizam na totalidade (8%); conforme gráfico 6:

Gráfico 6: quanto utilizas do acervo?



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Além disso, foi solicitado que os professores citassem, de acordo com sua preferência até cinco títulos pertencentes ao PNBE. Após a verificação das obras mencionadas, cotejando-as com o acervo do Programa, bem como com dados sobre autor e editora, elaboramos o quadro a seguir com os títulos, em ordem crescente do número de vezes que fora referido nos questionários.

Quadro 1: Títulos indicados pelos docentes

Indicações	Título	Autor	Editora	Ano do acervo PNBE
4	<i>Viviana, rainha do pijama</i>	Steve Webb	Salamandra	PNBE 2005
3	<i>A casa das dez furunfufelhas</i>	Lenice Gomes	Colégio Claretiano Assoc. Benef.	PNBE 2012
3	<i>A casa sonolenta</i>	Audrey Wood	Ática	PNBE 2005
3	<i>Até as princesas soltam pum</i>	Ilan Brenman - Ionit Zilberman	Brinque Book	PNBE 2012
3	<i>Chapeuzinho vermelho</i>	Carlos Alberto F. Braga - Claudia Scatamacchia	Moderna	PNBE 2010
2	<i>O livro estreito</i>	Caulos	JPA	PNBE 2012
	<i>Só um minutinho</i>	Yuyi Morales		PNBE 2012
2	<i>As aventuras de um pequeno ratinho grande</i>	Simon Prescott	Folha da Manhã	PNBE 2012
2	<i>Dez sacizinhos</i>	Tatiana Belinky-Roberto Weigand	Pia Sociedade Filhas de São Paulo	PNBE 2012
1	<i>A arca de Noé</i>	Vinicius de Moraes	Schwarcz	PNBE 2010
1	<i>A árvore generosa</i>	Shel Silverstein - Fernando Sabino	Cosac & Naify	PNBE 2010
1	<i>Apostando com o monstro</i>	Kyoung Hwa Kim	Callis	PNBE 2010-complementar
1	<i>Aqui é minha casa</i>	Jérôme Ruillier - Estela dos Santos Abreu	Martins	PNBE 2012
1	<i>A princesa e a ervilha</i>	Sylvia Orthof	Projeto	PNBE 2010 complementar
1	<i>A joaninha que perdeu os pintinhos</i>	Durcamo Paes	Noovha América	PNBE 2013 complementar
1	<i>A vaca malhada</i>	Mary França e Eliardo França	Best Book	PNBE 2012
1	<i>Caminho da poesia – Literatura em minha casa</i>	Cecília Meireles et. Al	Global	PNBE 2003
1	<i>História dos lobos de todas as cores</i>	Jan de Maeyer	Biruta	PNBE 2010
1	<i>Come come</i>	Nye Ribeiro Silva	Jorge Zahar	PNBE 2012
1	<i>Cuidado com o menino!</i>	Ana Maria Machado - Tony Blundell	Salamandra	PNBE 2012
1	<i>De quem tem medo do lobo mau?</i>	Silvana de Menezes	Elementar	PNBE 2012
1	<i>Dezenove poemas desengonçados</i>	Ricardo Jose Duff Azevedo	Ática	PNBE 2012
	<i>Elefantes nunca esquecem</i>	Anushka Ravishankar - Bia Hetzel - Christiane Pieper	Manati	PNBE 2012
1	<i>Estou sempre mudando</i>	Alastair Reid - Bob Gill	Martins Fontes	PNBE 2012



1	<i>Gabi, perdi a Hora!</i>	João Basílio	Lê	PNBE 2012
	<i>Insônia</i>	Marcelo Carneiro da Cunha Moreira	Projeto	PNBE 2009
1	<i>Lendas da África Moderna</i>	Rosa Maria Tavares Andrade - Denise Nascimento - Heloisa Pires Lima	Elementar Publicações e	PNBE 2012
1	<i>Maluquinho por arte</i>	Ziraldo Alves Pinto	Globo.	PNBE 2009
1	<i>Maria vai com as outras</i>	Sylvia Orthof	Ática	PNBE 2014
1	<i>Minha casa azul</i>	Alain Serres - Marcos Bagno - Edméé Cannard	Comboio de Corda	PNBE 2012
1	<i>Minhas férias, pula uma linha, parágrafo</i>	Christiane de Araújo Gribel - Orlando Ribeiro Pedroso Junior	Richmond Educação	PNBE 2010
1	<i>Numa noite muito, muito escura</i>	Pablo Neruda - Elena Odriozola - Carlos Eduardo Barbosa De Azevedo	Cosac Naify	PNBE 2012
1	<i>O engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha</i>	Miguel de Cervantes - Sergio Molina - Angeles Durini - Federico Jeanmaire	Martins Fontes	PNBE 2013
1	<i>O grande rabanete</i>	Tatiana Belinky	Moderna	PNBE 2005
1	<i>O livro comprido</i>	Caulos	JPA	PNBE 2012
1	<i>O Mágico de Oz</i>	L. Frank Baum - Santiago Nazarian de Faria	Narba Negra Produção Cultural	PNBE 2013
1	<i>O menino que aprendeu a ver</i>	Ruth Rocha	Minuetto	PNBE 2005
1	<i>O trenzinho do Nicolau</i>	Ruth Rocha - Luiz Carlos Maia	Salamandra	PNBE 2010
1	<i>Quem canta males espanta</i>	Theodora Maria Mendes de Almeida.	Siciliano.	PNBE 2005
1	<i>Plantando árvores do Quênia</i>	Wangari Maathai	SM	PNBE 2010 complementar
1	<i>A Pequena Sereia</i>	Hans Christian Andersen - Muriel Molhant - Quentin Gréban - Sérgio Marinho	SM	PNBE 2012
1	<i>Pequeno Príncipe</i>	Antoine Saint-Exupéry	Agir Editora	PNBE 2010
1	<i>(As aventuras de) Pinóquio</i>	Carlo Collodi - Ivo Barroso - Alexandre Julio de Oliveira Cerveny	Cosac Naify	PNBE 2013
1	<i>Quem tem medo do ridículo?</i>	Ruth Rocha - Mariana Massarani	Gaia	PNBE 2012
1	<i>Quem vai ficar com o pêssego?</i>	Yang Won e Yoon Ah Hae	Callis	PNBE 2008 complementar
1	<i>Rapunzel</i>	Irmãos Grimm	Colégio Claretiano Assoc. Benef. Ed.	PNBE 2014
1	<i>Rita não grita!</i>	Flávia Muniz	Melhoramentos	PNBE 2008
1	<i>Romeu e Julieta (Turma da Mônica)</i>	Maurício de Sousa	Panini Brasil	PNBE 2012
1	<i>Sanduíche da Maricota</i>	Avelino Pereira Guedes	Uno Educação	PNBE 2010
1	<i>Sete camundongos cegos</i>	Ed Young	Martins Fontes	PNBE 2012

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Quando indagados sobre o local onde utilizam tais obras, novamente os profissionais foram unânimes ao afirmar que fazem uso dos títulos em sala de aula, alguns destacam seus usos para a construção de planejamentos, projetos, sacola da leitura, hora do conto e de leitura, etc. Nesse sentido, percebemos que o PNBE, embora nem sempre utilizado, é ferramenta para as práticas pedagógicas, especialmente àquelas que se referem ao processo de mediação da leitura.

As ações realizadas pelo PNBE nas duas décadas de Programa a presença de obras literárias nas escolas, havendo vínculos também com os educandários que participaram do PNAIC, enfatizando a expansão e a democratização do acesso a inúmeras obras literárias, incentivando a leitura, o fortalecimento das bibliotecas escolares, bem como a aproximação com programas de formação docentes, com destaque ao PNAIC. Porém, a escola pública carece do fortalecimento de uma política que se efetive e dê condições para a formação de leitores e de mediadores de leitura (PAIVA e SOARES, 2014). Mesmo após o encerramento do PNBE como política de Estado, continuamos sem ação governamental continuada de formação de mediadores de leitura.

Acerca do tipo de texto ou livro que é mais utilizado pelos profissionais, notamos usos bastante diversificados (conforme pode ser verificado no gráfico 7) sendo que na maioria das vezes, dezessete entrevistados (68%), se reportam às narrativas por imagem, o restante subdivide-se em: a) cinco citam histórias em quadrinhos (20%); b) oito mencionam textos em prosa (32%); c) nove destacam os em verso (36%). Vale ressaltar que alguns entrevistados escolheram mais de um tipo.

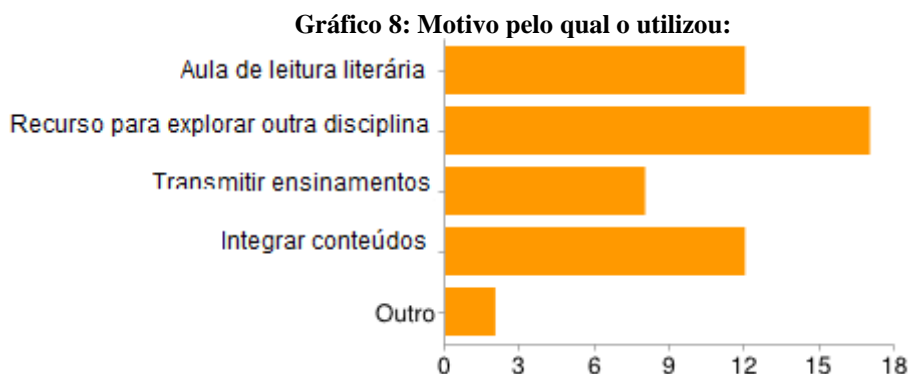
Gráfico 7: Qual o tipo de texto ou livro mais utiliza na escola?



Fonte: Elaborado pelas autoras.

No que se refere ao motivo pelo qual utilizou e utilizam as obras, há diversidade de respostas, também apresentando a escolha de mais de uma alternativa (como pode ser verificado no gráfico 8). Verificamos que: a) oito informaram que o motivo é transmitir um ensinamento/ uma lição de moral (32%); b) doze informaram que fazem uso em aula de leitura literária (48%); c) outros doze profissionais para integrar as disciplinas (48%); d) dezessete utilizam como recurso explorar outro conteúdo (68%); e) dois profissionais

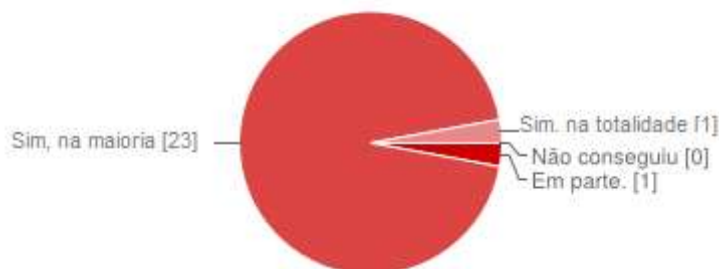
informam a existência de outro(s) motivo(s) para o uso das obras, mas não o especificaram qual no questionário.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Um aspecto que se mostrou bastante favorável no que tange ao uso dos títulos do PNBE foi o grau positivo de resposta aos objetivos encontrados nas propostas em que foram utilizados, uma vez que vinte e três questionários demonstram objetivos alcançados na maioria das vezes que as obras foram utilizadas (92% dos entrevistados) e um afirma que foram obtidos na totalidade (4%). Apenas um entrevistado mensurou os objetivos atingidos em parte, correspondendo a 4% desta amostragem.

Gráfico 9: Conseguiu atingir o objetivo?



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Na sequência, solicitamos aos professores que descrevessem como seus alunos interagem com tais obras, manifestando que estes são curiosos, interessados e apreciam os títulos. A2 assegura: “adoram manusear as obras”, E2 acrescenta que “como eles estão no 1º ano agora estão mais curiosos para LER e não somente para VER” (grifo do professor).

Nossos interlocutores notaram também diferentes modos de acessar às leituras, evidenciando que, muitas vezes, os livros não se restringem ao espaço escolar e são emprestados para que os alunos os levem para casa como forma de integração das instituições com a família, como pode ser observado na voz de B1: “os alunos leem as histórias, contam histórias para os colegas, levam os livros para casa para ler para os pais [...]”.

As obras em questão favorecem a realização de diferentes propostas pedagógicas em sala de aula, pois “além dos livros que retiram na biblioteca, utilizam livros na sala de aula de

diversos modos: contação de histórias, leitura, dramatização e ilustração” (C4) e “deixo em cima da mesa e aos poucos cada um vai retirando um para leitura. Se terminou de ler, logo pega outro para continuar a leitura. No final, chamo alguns para que nos contem sobre o que leram. Numa aula só, não dá para todos contarem sobre o seu livro, mas todos gostariam de contar” (A4). Ainda, os títulos são empregados em atividades que envolvem a compreensão das diferentes linguagens como discorre C3: “observam as imagens, leem o texto, comparam com as imagens, comentam, questionam, solicitam auxílio nas dificuldades ortográficas [...]”.

D1 destaca a presença das obras como parte da rotina em sala de aula: “faço a hora da leitura todos os dias em sala de aula, no início. Às vezes, eles leem o trecho que mais gostaram para os colegas.” F4, por sua vez, ressalta o uso diário das obras dos acervos do PNBE, de acordo com o material que a escola dispõe, fez com que os alunos já procurem por títulos específicos e/ou atores que preferem. Assim, verificamos que o Programa seleciona obras de qualidade e que mobilizam os educandos.

Por fim, o último tópico fora destinado um espaço para algum comentário sobre algum aspecto relacionado ao questionário. Apenas um profissional, valendo-se desse tópico, manifestou sua opinião acerca dos livros didáticos destinados às escolas, cuja transcrição segue:

Os professores deveriam ter a liberdade de sugerir e escolher os livros didáticos que são enviados para a escola. Infelizmente, o governo escolhe dois ou três livros, ou seja, eles já pré-determinam os livros, os professores são obrigados a escolher um dentro destes que foram enviados, geralmente estas coleções têm que ser adaptadas a região Sul, porque são de São Paulo, Rio de Janeiro, ficando complicado adaptar. [...] os livros que somos obrigadas a escolher demoram a chegar na escola, muitas vezes não sendo correspondente o número de livros ao número de alunos. (B1, 2014).

Nesse sentido, observamos que vinte e quatro dos professores que responderam ao questionário escrito (96%) não quiseram acrescentar informação além das que foram previamente solicitadas.

Considerações Finais

Ao adentrarmos nos estudos sobre a mediação da leitura literária realizada por profissionais que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental, valendo-se de obras selecionadas pelo PNBE, destacamos a necessidade de enfatizar a importância da formação de professores. Essa almeja contribuir para analisar as práticas docentes, visando à valorização da leitura na formação do cidadão. Pelo papel da literatura na vida humana, é relevante investir na formação de professores nessa área, acrescida de ações que aprimorem as práticas docentes no cotidiano da escola, a fim de incentivar, nos professores, a cultura da leitura,



tornando-os leitores, com potencial para participar ativamente de um mundo letrado, fortalecidos para enfrentar os desafios e demandas da sociedade.

A presença do texto literário, na escola, justifica-se não apenas pelo fato de ele desenvolver a sensibilidade, mas, principalmente, porque a matéria-prima de seu trabalho é a discussão acerca da natureza humana. Seguindo tais pressupostos, é preciso a emergência de um professor leitor, que organize suas práticas voltadas à recepção do texto pelo estudante (e não o contrário) e suas expectativas, sem privá-lo do direito de ler e de experienciar o texto. Dar espaço à leitura é dar espaço ao pensamento. Por sua vez, o hábito de pensar é gerador de aprendizagens mais significativas, profundas e duradouras.

Tendo por base esse entendimento acerca do papel da literatura na constituição do humano, da literatura como direito humano (apontado por Candido, 1995), convém não esquecer quem é o professor responsável pela literatura nos anos iniciais. Em geral, é um professor que não estudou literatura como matéria a ser inserida no cotidiano escolar. Todo professor teve aula de literatura no Ensino Médio, mas poucos cursos de Pedagogia têm disciplina de Literatura infantil nos seus currículos, e os livros literários devem comparecer nas práticas educativas. Ou seja, o conhecimento dos docentes inqueridos acerca da literatura não provém de estudos sistemáticos ou de formação continuada. Poucos são leitores. Por que não são leitores? Como atuar na promoção do texto e na formação do leitor não sendo leitor? A educação democrática, permeada pelo diálogo, pela reflexão e pela humanização, carece de investimentos na formação - permanente e continuada - de professores, que possibilite uma reflexão crítica sobre a prática docente.

Essa pesquisa discute como os profissionais, de instituições públicas de Caxias do Sul e Terra de Areia, atuantes no primeiro ciclo pensam e agem acerca das leituras e usos de obras do PNBE. No que se refere à construção do *corpus* de pesquisa, esse artigo apresentou resultados de amostragem realizada, dentro de um universo de profissionais da área e não caberia aqui considerar que esta pesquisa reflete a exata realidade de um todo maior. Embora os participantes não tenham formação em literatura, insiram-na nas suas práticas. O estudo coloca-nos algumas questões que ainda não foram respondidas. Qual o papel da formação de professores nesse campo? O que podemos fazer para tornar a literatura uma presença mais efetiva nos anos iniciais do Ensino Fundamental? São perguntas que ficarão ecoando em busca de outros estudos.

REFERÊNCIAS

BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.



BISOL, Cláudia Alquati. Estratégias de pesquisa em contextos de diversidade cultural: entrevistas de listagem livre, entrevistas com informantes-chave e grupos focais. **Revista Estudos psicológicos**, vol. 29, supl.1. Campinas Oct./Dec. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2012000500008&script=sci_arttext>. Acesso em: 26/05/2017.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. RESOLUÇÃO Nº 2, DE 1º DE JULHO DE 2015. **Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada**. Brasília, Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, seção 1, n. 124, p. 8-12, 02 de julho de 2015.

BRASIL. Programa Nacional Biblioteca da Escola 1997. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola>. Acessado em 13/04/2019.

BRASIL. SEB/DAGE. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: formação do professor alfabetizador: caderno de apresentação**. Brasília: MEC, SEB, 2012.

CANDIDO, Antônio. O direito à Literatura. In: **Vários Escritos**. Rio de Janeiro/São Paulo: Ouro sobre Azul/Duas Cidades, 1995.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores associados/ Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1997.

NÓVOA, António **FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PROFISSÃO DOCENTE 1992**. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4758/1/FPPD_A_Novoa.pdf> Acessado em 13/04/2019.

PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda. Introdução. In: **PNBE na escola: literatura fora da caixa / Ministério da Educação; elaborada pelo Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Universidade Federal de Minas Gerais**. – [Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014].

RAMOS, Flávia Brocchetto; PANOZZO, Neiva Senaide Petry. **Interação e mediação de leitura literária para a infância**. São Paulo: Global, 2011.

RAMOS, Flávia Brocchetto. **Literatura infantil: de ponto a ponto**. Curitiba: CRV, 2010.

Artigo recebido em: 01/12/2019.

Artigo aceito em: 17/02/2020.

